

## DIMENSÕES DO DESENVOLVIMENTO NA ZONA SUL DO RS

**NASCIMENTO, Kamila Lima<sup>1</sup>; VARGAS, Francisco<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Ciências Sociais do ISP/UFPel e Bolsista de Iniciação Científica da FAPERGS, ([miladonasc@hotmail.com](mailto:miladonasc@hotmail.com))

<sup>2</sup> Professor Adjunto do Instituto de Sociologia e Política - UFPel, ([fvargas@via-rs.net](mailto:fvargas@via-rs.net))

### 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, pretende-se analisar e discutir a questão do desenvolvimento na Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul. Esta região é formada por 22 municípios<sup>1</sup> que, juntos, compõem o Conselho Regional de Desenvolvimento da Região Sul (COREDE-Sul)<sup>2</sup>, tendo Pelotas e Rio Grande como cidades pólos. Este conselho foi criado em 1991<sup>3</sup> com o objetivo de mobilizar os atores sociais da região visando à retomada do desenvolvimento. Pretende-se, pois, analisar a evolução de alguns indicadores de desenvolvimento, em período recente, com o intuito de acompanhar e monitorar as transformações que vêm ocorrendo nesta região. Neste sentido, indaga-se em que medida essa região tem conseguido alcançar um processo significativo de desenvolvimento. Questiona-se, ainda, em que medida as transformações econômicas que nela vem ocorrendo implicam o que se tem denominado de desenvolvimento humano.

Nas ciências sociais<sup>4</sup>, um longo e intenso debate tem sido produzido a respeito do desenvolvimento. As chamadas “teorias da modernização” viam no processo de expansão industrial e capitalista o caminho natural do desenvolvimento. A partir de uma visão dualista e etapista, estas teorias tomavam o progresso e a modernização como elementos espontâneos e essencialmente positivos. Muitas críticas foram propostas a essa visão, destacando-se não apenas as “teorias da dependência” forjadas na América Latina, mas o debate mais recente sobre “desenvolvimento humano” e “desenvolvimento sustentável”. Neste sentido, tem-se colocado em xeque a própria noção de desenvolvimento. Para além de uma leitura puramente econômica e quantitativa desse fenômeno, tem-se focalizado os problemas referentes não apenas à sustentabilidade da vida no planeta - do respeito e da preservação da biodiversidade seriamente ameaçada pelo atual modelo de desenvolvimento industrial e capitalista - mas também à dimensão da convivência humana, do direito às liberdades individuais, à igualdade social e à diversidade cultural. Neste sentido, um dos grandes desafios para as ciências sociais é, de fato, medir adequadamente o desenvolvimento em suas dimensões humana e ambiental.

---

<sup>1</sup> Amaral Ferrador, Arroio do Padre, Arroio Grande, Canguçu, Capão do Leão, Cerrito, Chuí, Herval, Jaguarão, Morro Redondo, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Santana da Boa Vista, São José do Norte, São Lourenço do Sul, Tavares e Turuçu.

<sup>2</sup> Ao todo, no Estado do Rio Grande do Sul, são 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento.

<sup>3</sup> A esse propósito, ver Nunes (2008).

<sup>4</sup> A esse propósito, ver Theodoro (2004), Veiga (2005), Reichow (2009).

## 2. METODOLOGIA

Neste estudo, a fim de focalizar tanto a dimensão econômica como a dimensão humana do desenvolvimento, propõe-se um procedimento metodológico de investigação destinado a analisar e comparar diferentes indicadores, tais como o Produto Interno Bruto (PIB), o Produto Interno Bruto *per capita* (PIB *per capita*) e, ainda, o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDESE). Os dois primeiros são indicadores tradicionais destinados a dimensionar o incremento da produção econômica. O terceiro é um indicador de desenvolvimento humano, similar ao IDH<sup>5</sup>, criado pela Fundação de Economia e Estatística do Estado do RS, visando incorporar outras dimensões como a situação educacional da população, as condições de saúde e, finalmente, as condições infra-estruturais de saneamento e habitação<sup>6</sup>. Procura-se, pois, observar como evoluem esses indicadores entre os anos de 2000 e 2006, comparando a região do Corede-Sul com o conjunto do Estado do RS e com outras regiões do Rio Grande do Sul.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Conselho Regional de Desenvolvimento da Região Sul abrange uma área de 35.042 Km<sup>2</sup> e uma população de 865.399 habitantes (2005). Sua taxa média de urbanização é de 80%. Em 2000, o PIB da região somava R\$ 5,18 bilhões, atingindo R\$ 8,96 bilhões, em 2006. Nesse mesmo período, a taxa de crescimento do PIB foi de 73%. Apesar de significativa, essa variação esteve abaixo da média de crescimento do Estado, que foi de 84%. Além disso, apesar de apresentar, dentre os Coredes, o quarto maior PIB do Rio Grande do Sul, sua parcela no produto total é de apenas 6%. Os três Coredes com os maiores PIB do Estado estão concentrados na região metropolitana e serra, representando, juntos, 54,4% da economia gaúcha<sup>7</sup>. Neste ponto, é possível perceber uma enorme desigualdade na distribuição do crescimento econômico no Estado. Estima-se que essa desigualdade esteja relacionada aos diferentes modelos de desenvolvimento adotados por estas regiões. Enquanto que na região metropolitana e serra gaúcha privilegiaram-se arranjos mais dinâmicos de expansão capitalista, através da diversificação da produção, na Zona Sul adotou-se um modelo de desenvolvimento mais tradicional e focalizado na produção agroindustrial. Tal fato gerou um modelo de expansão econômica mais restrito e desigual, gerador de oportunidades ocupacionais mais precárias e instáveis aos trabalhadores (Vargas, 1994).

Analisando-se os dados referentes ao PIB *per capita*, ficam ainda mais evidentes as disparidades existentes. Entre 2000 e 2006, o PIB *per capita* do RS passou de R\$ 8.302,00 para R\$ 14.310,00, apresentando uma variação positiva

---

<sup>5</sup> Índice de Desenvolvimento Humano, criado pela Organização das Nações Unidas, em 1990. A esse propósito, ver Veiga (2005).

<sup>6</sup> O Idese é um índice sintético, composto por quatro blocos temáticos: Educação; Renda; Saneamento e Domicílios; e Saúde. O Idese varia de zero a um e permite que se classifique o Estado, os municípios ou os Coredes em três níveis de desenvolvimento: baixo (valores até 0,499), médio (valores entre 0,500 e 0,799) ou alto (valores maiores ou iguais a 0,800).

<sup>7</sup> Os três Coredes que possuem os maiores valores do PIB no Estado do RS são os seguintes: Metropolitano Delta do Jacuí, Rio dos Sinos e Serra. Em 2006, cada uma dessas regiões correspondia, respectivamente, a 29%, 14,8% e 10,5% do PIB estadual.

de 72%. Já na Zona Sul, esse indicador passou de R\$ 6.176,00 para R\$ 10.182,00, neste mesmo período. Tal fato revela não apenas um crescimento inferior à média do Estado, na ordem de 65%, mas uma renda *per capita* persistentemente inferior. Neste sentido, em 2006, o PIB *per capita* da Zona Sul representa apenas 71% do PIB *per capita* do Rio Grande do Sul.

Neste mesmo período, o PIB *per capita* do Corede Metropolitano cresceu 100%, o que é mais um indicador de desigualdade no ritmo de desenvolvimento econômico regional. Por essa razão, o PIB *per capita* do Corede-Sul encolheu em relação àquele do Corede Metropolitano. Em 2000, o mesmo representava 68% do PIB *per capita* deste último. Em 2006, essa relação cai para 56%.

Quando se analisa a situação da Zona Sul a partir do IDESE, observa-se que as disparidades regionais persistem e que há certa defasagem dessa região em relação à situação do Estado como um todo. No período entre 2000 e 2006, o IDESE da região do COREDE-Sul passou de 0,733 para 0,737, o que representa um crescimento de 0,5%. Apesar da variação positiva, esse índice está abaixo daquele apresentado pelo conjunto do Estado que passou de 0,752, em 2000, para 0,763, em 2006. Além disso, a variação do crescimento desse índice no Rio Grande do Sul, de 1,5%, também é superior àquela da região do Corede-Sul.

Observando-se o IDESE dos demais Coredes, constata-se que aqueles que apresentam as melhores performances econômicas são também os que apresentam os valores mais favoráveis do IDESE, ainda que não necessariamente apresentem as variações positivas mais significativas. Tal fato sugere a hipótese de que os componentes econômicos podem ser determinantes no assim chamado desenvolvimento humano. No entanto, este fato pode ser um efeito da própria composição do índice de desenvolvimento humano, mais sensível às desigualdades econômicas do que às desigualdades sociais.

Para compreender melhor o desempenho da Zona Sul em termos de desenvolvimento humano, é importante analisar, ainda, os índices dos blocos que compõem o IDESE. Esses blocos são quatro: a) educação, b) renda, c) saneamento e domicílio e d) saúde. Analisando-se os índices de cada um desses blocos para a região do Corede-Sul, no ano de 2006, observa-se que os referentes à renda (0,702) e a saneamento e habitação (0,579) são aqueles que apresentam valores abaixo da média geral (0,737), conforme a tabela 1. Os valores dos índices de saúde (0,830) e educação (0,839) são, pois, aqueles que fazem aumentar a média geral do IDESE regional. Ao longo do período analisado, a variação dos valores desses blocos teve um comportamento diferenciado. Enquanto os valores dos blocos de educação e de saneamento e habitação variaram positivamente, os valores dos blocos de saúde e de renda variaram negativamente.

**Tabela 1 – IDESE total e índices por bloco, Corede-Sul e RS, variação entre 2000 e 2006.**

IDESE	Região do Corede-Sul			Rio Grande do Sul		
	2000	2006	var. (%)	2000	2006	var. (%)
<b>TOTAL</b>	0,733	0,737	0,5	0,752	0,763	1,5
<b>Educação</b>	0,823	0,839	1,9	0,838	0,854	1,9
<b>Renda</b>	0,705	0,702	-0,4	0,757	0,781	3,2
<b>San. e Dom.</b>	0,570	0,579	1,6	0,561	0,569	1,4
<b>Saúde</b>	0,833	0,830	-0,4	0,852	0,850	-0,2

Para o Estado, observam-se algumas diferenças em relação à situação da região do Corede-Sul. Apenas o valor do bloco de saneamento e domicílio (0,569)

está abaixo da média geral do IDESE. Este valor é também o único que está abaixo daquele correspondente ao mesmo bloco no Corede-Sul. Todos os demais valores são mais altos que aqueles referentes à Zona Sul. Por isso, enquanto que para o conjunto do Estado o índice mais problemático é aquele referente ao bloco saneamento e habitação, para a região do Corede-Sul os índices mais problemáticos são dois: o referente ao bloco saneamento e habitação e aquele referente ao bloco da renda. Enquanto a variação dos valores deste último foi positiva (3,2) para o Estado do RS, para a Zona Sul esta variação foi negativa (-0,4). Os valores dos demais índices variaram de forma semelhante tanto para o Estado como para a região do Corede-Sul.

Enfim, é o valor do índice de renda que faz com que a média de crescimento do IDESE na Zona Sul (0,5%) esteja abaixo da média de crescimento do conjunto do Estado (1,5%). No entanto, vale salientar mais uma vez que mesmo os valores dos blocos de educação e de saúde, os mais altos da região do Corede-Sul, são mais baixos que os valores apresentados pelo Estado do RS.

#### 4. CONCLUSÕES

Os dados analisados anteriormente nos permitem concluir que há uma significativa disparidade em termos de desenvolvimento econômico e humano entre a região do Corede-Sul, a chamada Zonal Sul, e a região metropolitana e serra gaúcha. A região do Corede-Sul, apesar de ocupar uma posição econômica importante no Estado, apresenta um PIB bastante inferior em relação aos Coredes de maior desempenho econômico. Em relação ao desenvolvimento humano, observam-se, igualmente, valores inferiores àqueles das regiões mais desenvolvidas e, particularmente, em relação à média do Estado do Rio Grande do Sul. Vale salientar, no entanto, que os valores referentes aos blocos de saúde e de educação são considerados altos (acima de 0,800). Hipoteticamente, tal fato pode ser lido tanto como o resultado positivo de políticas públicas específicas nestas áreas, como a expressão da própria fragilidade e unilateralidade na construção dos índices de desenvolvimento humano, tais como o IDESE. Neste último caso, o conceito de “desenvolvimento humano” estaria sendo construído a partir de indicadores muito específicos e restritos, tais como a taxa de analfabetismo e o nível de matrícula, no bloco da educação, ou a expectativa média de vida e a mortalidade infantil, no bloco da saúde.

Enfim, estes dados sugerem que a tentativa de definir e medir o desenvolvimento para além de uma dimensão puramente econômica encontra sérias dificuldades em termos de operacionalização metodológica. É, de fato, possível captar e medir o chamado desenvolvimento humano a partir de critérios operacionalizáveis em termos matemáticos? Eis um problema que as ciências sociais precisam continuar enfrentando.

#### 5. REFERÊNCIAS

THEODORO, Mário. A questão do desenvolvimento: uma releitura. In: RAMALHO, J.P. & ARROCHELLAS, M.H.(Org.) **Desenvolvimento, subsistência e trabalho informal no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 3, p.15-44.

NUNES, Claudio O. I. COREDE-SUL: Formação e Trajetória. **Biblos**, Rio Grande, 22 (1): 9-18, 2008.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento Sustentável. O desafio do século XXI.** Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2005.

VARGAS, Francisco E.B. **Relações Sociais de Classe e gênero: O Trabalho Safrista na Indústria de Conservas de Pelotas.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1994.

REICHOW, Josué et al. Dimensões do Desenvolvimento em Pelotas. In: **XVIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, Pelotas, 20 a 23 de outubro de 2009. Anais. Pelotas, Editora Universitária/UFPel, 2009, 1 CD-ROM.